

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E LITERATURA: O POTENCIAL DA POESIA DE RUY ESPINHEIRA FILHO PARA O ENSINO MÉDIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

GEOGRAPHIC EDUCATION AND LITERATURE: THE POTENTIAL OF RUY ESPINHEIRA FILHO'S POETRY FOR HIGH SCHOOL EDUCATION IN HUMAN AND SOCIAL APPLIED SCIENCES

PABLO AMAURY PEREIRA LIMA¹
CAROLINA MACHADO ROCHA BUSCH PEREIRA²

RESUMO

O trabalho tem como objetivo relacionar a Literatura à Geografia, a partir da obra poética de Ruy Espinheira Filho, poeta baiano que em seus poemas traz sentimentos a respeito dos seus lugares vividos. Nosso intento é evidenciar o potencial que a literatura tem como aporte à educação geográfica com foco na área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Buscando uma interface entre a Geografia e a Literatura e reconhecendo que a educação geográfica tem caminhos que permitem arranjos em propostas didático-pedagógicas interdisciplinares, o artigo busca incitar o uso da literatura como uma das fontes de conhecimento que devem ser desenvolvidas transversalmente ao ensino dos componentes curriculares integrados a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Tendo em vista que a literatura possibilita a junção dos diversos componentes curriculares em discussões que facilitam a visualização de diversas problematizações, o seu uso na presente proposta assume o sentido de linguagem, recurso e meio facilitador do desenvolvimento de competências e habilidades definidas pela BNCC (BRASIL, 2018). A obra de Ruy Espinheira Filho, aqui trazida através de coletâneas de poemas publicadas em 2012 e 2017 e que representam sua poesia desde a década de 1960, é usada como exemplo da riqueza de relações que a literatura tem para o desenvolvimento de questões históricas, geográficas e sociais, além de contribuir para a ampliação do repertório cultural dos estudantes e promoção do conhecimento científico historicamente construído pela sociedade.

Palavras-chaves: Literatura. Geografia. Ensino. BNCC.

ABSTRACT

The work, based on the poetic work of Ruy Espinheira Filho, poet from Bahia who in his poems brings feelings about his lived places, aims to relate Literature to Geography, showing literature as a contribution to geographic education and potential for the area of knowledge of Human and Social Applied Sciences, defined by the Common National Curriculum Base (BNCC). Thus, understanding the importance of classes with broader arrangements, the article seeks to encourage the use of literature as one of the sources of

¹ Mestrando em Geografia, Universidade Federal do Tocantins (campus Porto Nacional) .
pabloamaury77@gmail.com

² Professora Associada. Universidade Federal do Tocantins (campus Porto Nacional)
carolinamachado@uft.edu.br

knowledge that should be developed transversally to the teaching of curricular components integrated into areas of knowledge. Considering that the literature makes it possible to join the various curricular components in discussions that facilitate the visualization of various problematizations, its use facilitates the development of competences and skills defined by the BNCC (BRASIL, 2018). The work of Ruy Espinheira Filho, here brought through collections of poems published in 2012 and 2017 and representing his poetry since the 1960s, is presented as an example of the richness of relationships that literature has for the development of historical, geographical and social issues, in addition to the development of the students' cultural repertoire.

Key-words: Literature, Geography. Teaching, BNCC.

Considerações Iniciais

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que desde 2018 é o documento que define o que deve ser ensinado e aprendido nas escolas do país, padronizando os conteúdos e criando habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes, busca não somente estabelecer competências cognitivas a serem alcançadas, mas também competências socioemocionais.

Para Dias (2010, p. 75), “em síntese, a competência é uma combinação de conhecimentos, motivações, valores e ética, atitudes, emoções, bem como outras componentes de carácter social e comportamental que, em conjunto, podem ser mobilizadas para gerar uma ação eficaz num determinado contexto particular”. É, portanto, uma complexa tarefa a ser praticada pelos professores no decorrer da vida escolar dos estudantes, gradualmente incluindo habilidades individuais e sociais transversalmente ao ensino dos conteúdos escolares.

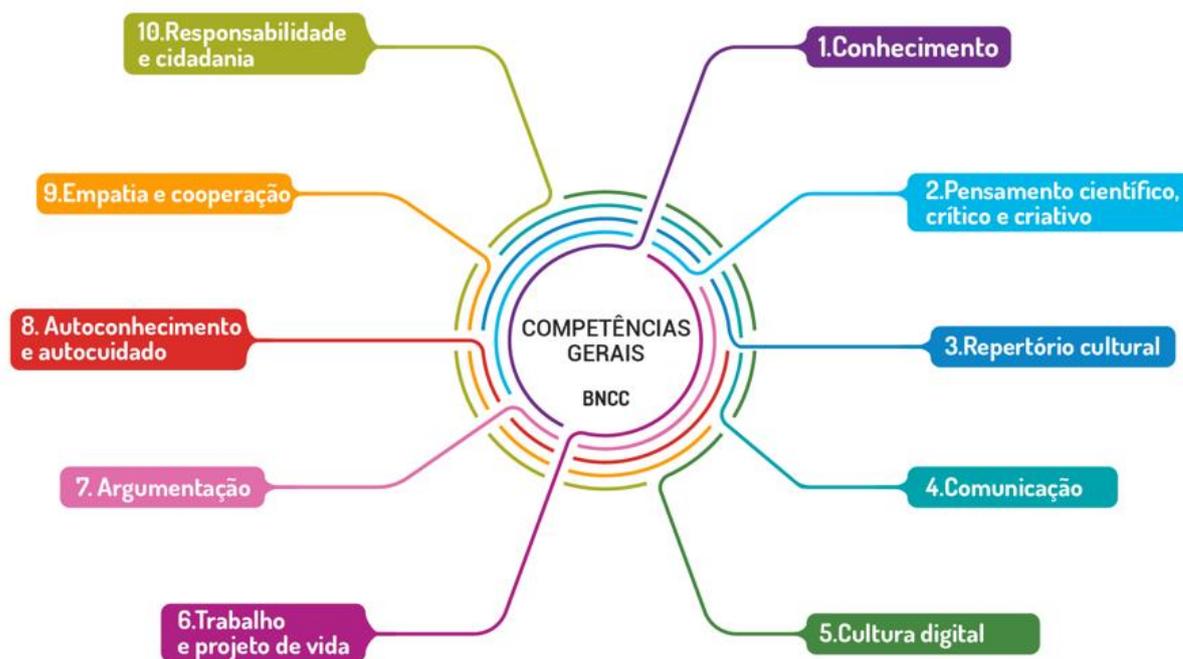
Macedo (2008, p. 8) diferencia competências de habilidades numa comparação onde a “habilidade é uma expressão de competência, mas esta não se reduz àquela. Ou seja, para ser competente, temos de ter várias habilidades, mas nossa competência não se resume a um somatório de habilidades. Existe algo que é maior, de ordem mais geral, relacionado à arte”. Tem-se então a importância de um ensino que torne o conhecimento amplo e relacionável, não ligado apenas ao conteúdo, mas à sua aplicabilidade e suas implicações várias. Onde, passando pelo processo educacional, os estudantes possam desenvolver as diversas habilidades, mas também saber arranjá-las de maneira espontânea.

São dez as competências gerais indicadas pela BNCC para serem desenvolvidas nas escolas brasileiras (Figura 1). Duas dessas dez competências serão trabalhadas neste ensaio, com o intento de relacionar a Literatura ao componente curricular de Geografia

mais diretamente, mas sem perder a ideia da composição da área de conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

O recorte nas competências gerais que reconhecemos com mais potência para o diálogo proposto são: a competência 1, intitulada de Conhecimento, e a competência 3, que se refere ao Repertório Cultural.

Figura 1: Competências gerais da BNCC



Fonte: Infográfico Porvir (2018). Adaptado pelos autores.

A competência geral 1 “conhecimento” é compreendida a partir da dimensão de aprendizagem e conhecimento segundo a BNCC (BRASIL, 2002), e ao desenvolver projetos, aulas e atividades escolares com o intuito de promovê-la o aporte deve ser dado na valorização e na utilização dos conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital. Já a competência geral 3 “repertório cultural” procura significar conteúdos, temas, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem a partir da valorização das manifestações culturais e artísticas com o intuito de reconhecer a importância das expressões artísticas e culturais para a formação das distintas identidades, manifestações e trocas culturais.

Este artigo busca relacionar a literatura como um importante aporte ao ensino, uma vez que nela existem diversas possibilidades de situações que podem ser usadas em problematizações e construções de sentidos na educação geográfica. Acrescenta-se a isso

o fato de que diversos tipos de textos literários fazem conexões que podem ser usadas de maneira a criar imagens de fenômenos culturais, naturais, sociais, incluindo problemáticas espaço-temporais muito valiosas à compreensão de mutabilidade espacial e importância de fenômenos geográficos. Portanto, aquilo que pode ser visto separadamente, através da literatura se relaciona com outras temáticas, tornando a visão dos conteúdos mais completa.

Dessa forma, a obra poética do poeta Espinheira Filho foi tomada como base para a construção dessa relação Literatura e Geografia, evidenciando a riqueza que os poemas podem ter no ensino dessa última. Diversos de seus poemas podem ser usados para o planejamento de aulas, projetos e intervenções em práticas pedagógicas ressignificando o ensino tradicional em busca de uma educação pautada na formação cidadã, multicultural, inclusive e crítica. Ao incluir a literatura nas atividades didática espera-se também apresentar aos alunos uma dimensão cultural e artística que inspirem os estudantes na apreciação de poemas e na prática da leitura, tendo em vista que os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (IPL, 2020), revela um país de poucos leitores.

Estudar as possibilidades de uso pedagógico das poesias no ensino de Geografia, tendo como base a obra poética de Espinheira Filho (2011, 2012, 2017) é um caminho que este artigo propõe para o desenvolvimento de questões geográficas relacionadas ao espaço e sua relação com a sociedade, de forma mais frequente relacionando com o indivíduo. Assim, se relaciona a poesia e a Geografia de modo a ter a poesia como meio de entender algum espaço que por ela é retratado, sendo ela uma forma de se conhecer geografias vistas e percebidas pelo poeta. Na obra de Espinheira Filho, sendo consideradas coletâneas de poemas escritos entre 1966 e 2017 e publicados entre 2011 e 2017, muitos espaços são retratados e tidos por ele como seus lugares. Todos espaços geográficos com contextualizações de fenômenos sociais e históricos inerentes aos lugares poetizados por ele.

Os poemas de Espinheira Filho possuem contextualizações espaciais que criam sentimento de reconhecimento e pertencimento àqueles que vivenciaram os mesmos espaços, ainda que em outros momentos históricos. Descobrir a poesia é redescobrir que o espaço tem histórias e significados similares ou distintos daqueles de quem lê, num processo de valorização desses espaços e da identidade cultural. Portanto, o uso de sua poesia em sala de aula é importante para o reconhecimento dos estudantes não apenas em associação e conexão com a história coletiva e a identidade brasileira que aos poucos se

revela, tornando a poesia, que por muitas vezes não é conhecida pelas novas gerações, presente, viva e espelhada.

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio: o que é próprio da educação geográfica?

A área de conhecimento intitulada Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – a partir dos componentes curriculares de Filosofia, Geografia, História e Sociologia – é apresentada pela BNCC (BRASIL, 2018) a partir de competências específicas e habilidades que mesclam os objetos de estudo dessas ciências permitindo relações mais amplas, conectadas e relacionadas, já que a própria área de conhecimento impõe o relacionamento entre os componentes curriculares.

As questões sobre o que é próprio de cada componente e o que pode ser feito a partir das aproximações teóricas e metodológicas dos componentes na área, ainda são desafios que estão presentes na escola e que se apresentam aos professores. Por se tratar de um novo ensino médio (BRASIL, 2017) nos parece natural que haja questionamentos e muitas dúvidas de como proceder e implementar a novo modelo determinado em lei. Sem entrar no mérito e sem o intento de problematizar a reforma do ensino médio no Brasil, é fato que a mudança no sistema da educação básica se apresenta não apenas como um enorme desafio mas também com perdas significativas para os componentes curriculares, tendo em vista que o processo acelerado conduzido pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Governo Federal (mandato do Presidente Michel Temer) subtraiu de maneira autoritária das disciplinas do ensino médio sem que o debate pudesse chegar na epiderme da escola.

O alerta da comunidade acadêmica e de pesquisadores da educação (FRIGOTTO, 2016; FREITAS, 2016) na ocasião da reforma pelo desmonte do ensino médio consolidava o dualismo perverso apontado por Libâneo (2012) com o agravamento da dualidade da escola pública brasileira cada dia mais segregada e caracterizada como uma escola do conhecimento para os ricos e como uma escola do acolhimento social para os pobres. Esse dualismo perverso que foi iniciado nas reformas educacionais de 1980 na Inglaterra (LIBANEO, 2012) atinge o Brasil de maneira mais evidente na reforma do ensino médio.

Considerando que no momento da escrita o ensino médio, em todo o Brasil, está iniciando o processo de implantação do novo desenho e currículo, o que se percebe, ainda de maneira muito preliminar, é que os conceitos e princípios caros à ciência geográfica estão presentes nas habilidades apontadas pela BNCC (BRASIL, 2018) ainda que não tenhamos um panorama de como serão divididas, organizadas e realizadas as aulas, a carga horária e a oferta dos componentes da área.

Fato é que a educação geográfica continua apresentando possíveis interfaces com as outras ciências, em habilidades que proporcionam a discussão de temáticas de maneiras mais complexas, menos desagregadas, e com discussões que implicam numa busca maior por parte dos estudantes no estabelecimento de relações importantes entre temporalidade, espacialidade, relações de poder, trabalho, organização social, uso do território, relações entre o homem e a natureza e apesar das mudanças curriculares cabe ao professor identificar, reconhecer o potencial e propor aproximações de situações geográficas a partir de diferentes linguagens, onde a arte, a literatura e a poesia em particular podem auxiliar e conectar o conhecimento específico (Geografia) com o repertório cultural que essas expressões artísticas e culturais possuem, que conforme aponta a BNCC espera-se que

(...) os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas. (BRASIL, 2018, p. 562).

Ao refletir sobre a Geografia e as aproximações com a Literatura de Cora Coralina Chaveiro (2007) destaca que a

A geografia mundial e brasileira tem produzido experiências práticas que celebram as possibilidades de intersecção de ciência e arte. Mais precisamente, tem descoberto que as categorias de análise da geografia e o seu objeto de estudo, encontram-se pautados nas narrativas literárias, em diferentes gêneros e espécies de poesia, na pintura, no cinema e, inclusive, nas charges. (CHAVEIRO, 2007, 174)

Subscrevendo Chaveiro (2007) destacamos que o espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, não pode ser subtraído e/ou esquecido quando em diálogo com a Literatura, isto porque nos dedicamos, independente do recorte da aula, a refletir sobre o uso do território apresentando as conexões e as relações entre o homem (enquanto sujeito histórico e geográfico) e a natureza.

Segundo Santos o território é abordada na perspectiva de seu uso, “[...] o território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes” (SANTOS, 2000, p. 105). Além de não ser apenas um fundamento do Estado-Nação, Santos (2014) designa-o como conjunto de objetos e ações, espaço humano e habitado, cujos objetos acrescentam conteúdo técnico e social ao território, sendo composto de lugares contíguos e em rede (SANTOS, 2014). Nessa perspectiva Santos (2000) propõe, que a Geografia deve estar atenta para analisar a realidade social com base em sua dinâmica territorial, a partir de conceitos que permitam a compreensão da indissociabilidade entre objetos e ações, como propõe Santos (2000, p. 108): “[...] o território usado, visto como uma totalidade, é um campo privilegiado para análise, na medida em que, de um lado, nos revela a estrutura global da sociedade e, de outro lado, a própria complexidade de seu uso”.

E tendo este norte para o sentido da educação geográfico reconhecemos e identificamos nas habilidades propostas para a área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a presença de categorias, conceitos e princípios geográficos, como *território, paisagem, lugar, fronteiras, localização, distribuição, ordem, extensão, entre outros*, que combinados a discussões com temáticas envolvidas nas habilidades contribuem para o entendimento da formação socioespacial.

A literatura como potência para o ensino

Segundo Moraes e Callai (2012, p. 3) "a análise geográfica considera a localização e distribuição dos fenômenos sociais, produzindo certa organização do espaço". Desse modo, se um poema retrata um determinado espaço, localizando determinadas tramas e percepções, é o poema uma contextualização geográfica de um determinado lugar. Quanto a isso há também as percepções, já que o meio é dotado também daquilo que passa de forma subjetiva aos indivíduos e isso também é trazido por Moraes e Callai (2012, p. 4) "para além desta realidade em que se pretende fazer leituras objetivas há, portanto, as subjetividades e nestas há que se considerar o imaginário".

Duarte (2010) trata o espaço social como *tempo*, ou seja, é o espaço do desenrolar do tempo em processos, ações causadas por diferentes classes e indivíduos sob certas conjunturas de relações, mediados pelo meio que tanto pode ser natural quanto construído. Além disso, discute que “a experiência da literatura moderna é a de uma

temporalização crítica do espaço social enrijecido do Capital prevalecente sobre a História, sem que ela possa dissolver essa rigidez, mas antes representar o estado social crítico e negativo decorrente” (DUARTE, 2010, p. 312).

Como exemplo, o poema *Terceira Elegia Urbana* (ESPINHEIRA FILHO, 2012), abaixo transcrito, mostra que a poesia é também, então, aporte de representação das percepções advindas das classes e dos indivíduos que estão fazendo parte de uma sociedade estratificada e hierarquizada sobre aqueles que tem poder sobre o espaço e aqueles que obedecem ao poder imposto, sendo os últimos responsáveis por atuar em prol da manutenção das engrenagens de um sistema capitalista produtor de segregações.

Terceira Elegia Urbana

Escuto o vento passar
que vem ferir a janela:
hálito da cidade, onde
navegam escuras pétalas
de ar morto, mortos perfumes,
ausência de asas, gorjeios
degolados. Nada adianta
fechar janelas e portas
e paredes: esse sopro
destrói a nuvem do peito
e somos só engrenagens
cumprindo a fria tarefa
de edificar o trovão
da cidade.

Sem saber
que para nós, quase todos,
esse amplo ruído é
uma forma de silêncio.
Como o crepitar das chamas
para o inquilino do incêndio.
(ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 112)

O poema expõe o ponto de vista e sentimentos do Outro, convidando quem lê a se colocar no seu lugar e sentir aquilo que o poeta quis expressar. A partir disso, surgem discussões e reflexões a respeito dos contextos, situações, circunstâncias em que o Outro, os Outros e/ou o Nós estão inseridos. Essa é uma tarefa também estabelecida por Brasil (2018, p. 567), onde “o conhecimento do Outro, da outra cultura, depende da capacidade de se indagar para indagar o Outro, atitude fundamental a ser desenvolvida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas”.

A leitura do poema situa o sujeito geograficamente, não se detendo em situar apenas locacionalmente, mas também proporcionar as percepções inerentes ao espaço em que esse sujeito se situa. Portanto, não é apenas a localização de uma casa inserida em uma cidade em uma noite de ventania, é representação também da percepção de um indivíduo que, vivendo em uma cidade, se sente por ela sufocado e escravo de seu funcionamento, além de abstraído de seu caráter humano ao de uma mera engrenagem.

A obra de Ruy Espinheira Filho e suas possibilidades para desenvolver competências e habilidades

A partir de poemas, consegue-se compor uma trama imagética do que seria a paisagem de um lugar retratado, de forma que esse espaço toma corpo no imaginário de quem lê. Os poemas podem ter, então, as três expressões propostas por Gomes (2012) ponto de vista, composição e exposição. Todas componentes de uma visibilidade que é estritamente posicional e de um olhar geográfico.

Assim, na obra de Espinheira Filho, os parâmetros cronológicos de "foi-e-não-é-mais" são importantes para esse olhar geográfico. Uma consciência do espaço está presente na obra. O conhecimento do que havia e que era importante para o imaginário da pessoa e do grupo que não mais existe, portanto são pontos de vistas similares, talvez, composições diferentes, já que foram transformadas, e diferentes exposições, já que as composições não são mais as mesmas.

Para exemplificar o parágrafo anterior, os dois próximos poemas escritos por Espinheira Filho apresentam pontos de vista semelhantes em diferentes períodos de tempo, mas o autor compõe o espaço de forma diferente nestes dois momentos, mostrando

assim a transformação sofrida por esses espaços e a diferente relação que se estabelece com esse espaço no decorrer do tempo.

Calçamento

Os paralelepípedos
recobrem as cinzas das fogueiras
a areia com as marcas dos nossos pés
os buracos do jogo de gude
e o círculo traçado no chão
onde os piões
zuniam
dançarinamente.

(ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 45)

Árvore (I)

O vento vai
faz a curva
e volta
para soprar os galhos do tamarindeiro.
Mas já não há tamarindeiro.
No fundo dos olhos
outros olhos
que pareciam mortos há vinte anos
seguem o
vento
através da ausência do que se abria
em ramos folhas flores frutos
ontem
que é o mesmo que sonho.

(ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 45)

O espaço já estava consolidado antes do advento dos humanos na história vertiginosamente longa desse planeta em que habitamos? A Geografia só tem sentido se houver algo que a faça verossímil e possua trama entre relações e ações de pessoas e objetos. As pessoas buscam o entendimento das coisas que as circundam para proveito próprio, seja pela busca incessante do saber, para planejar próteses sobre o espaço, ou para estratégia de cultivo, esse espaço se torna coerente se existem pessoas, porque o estudo é feito e objetivado por essas. Dessa forma, a Geografia é também aquilo que elas percebem e sentem ao estar no espaço, são ao fim e ao cabo as percepções dos indivíduos, já que não há indivíduo que não ocupe um lugar e não há um lugar que não exerça algum tipo de influência sobre o indivíduo.

Ainda que seja uma Geografia por vezes individualizada, pode ser também gregária e coletiva, uma visão adensada ou dispersa sobre determinado espaço ou pontos de um espaço. É perceptível que há constante contextualização de espaços e lugares na obra de Espinheira Filho, contextualizações que não são apenas portadoras das

características físicas dos lugares, mas também das consequências desses lugares para as percepções dos que dele fazem parte.

Assim, vive-se um lugar não apenas pelo aporte físico que ele comporta, concreto, tangível e geométrico, mas também se vive com grande carga psicológica e com grande influência das experiências anteriormente vividas. Isso é tratado também por Kaercher (2001, p. 73) quando escreve que “[...]o espaço tem consigo simbolismos e fatores psicológicos inerentes impossíveis de acontecerem sem a existência do mesmo, assim, os lugares não podem ser vistos como somente espaços concretos e dimensionáveis”.

A cidade é um espaço recorrentemente apresentado na obra de Espinheira Filho, de forma que é retratada em suas várias configurações, de acordo com a sua influência sobre o poeta. Nascido em Salvador, Espinheira Filho se muda com a família ainda criança para Poções, no interior da Bahia. Muitos poemas do autor retratam a cidade como contraponto entre as suas memórias pueris e a atual configuração da cidade, onde a melancolia geralmente é frequente pelo sentimento de perda que tem o poeta quando já não encontra o que era comum em seus tempos de vivência. O tom de nostalgia é recorrente na obra e a paleta nostálgica pode variar entre solidão, o cansaço, a ausência, a tristeza, mas também assume traços de recordações alegres e felizes. O mesmo acontece em Jequié, cidade mais ao norte de Poções, onde o poeta passou a sua adolescência.

A atmosfera da cidade é sentida em vários poemas de Espinheira Filho, seja em melancolia, como em *Calçamento e Árvore* (I), ou em angústia, como em *Terceira Elegia Urbana*. O poeta, a partir de suas reflexões trazidas em perceptível movimento em seus poemas intitulados Elegias Urbanas trazem a cidade de maneira sensível, elaborando imagens dessa a quem lê. Como aborda Melo (2014):

A cidade com todos os seus elementos além da geografia, o que consiste em seus habitantes, costumes, o tempo como elemento transformador, a fala do seu povo bem como a arquitetura, enfim, o vivido pelo poeta nesse espaço, são recriados pela palavra poética – a imagem (MELO, 2014, p. 9).

Quanto ao homem e a sua intrínseca relação com o espaço e o tempo, sendo aqui considerada a cidade como esse espaço, Dardel (2011) disserta que:

A 'situação' de um homem supõe um 'espaço' onde ele 'se move'; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. 'Perder a localização', é se ver desprovido de seu 'lugar', rebaixado de sua posição 'eminente', de suas 'relações', se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (DARDEL, 2011, p. 14).

A impotência e a imobilidade citadas por Dardel (2011) a partir da ausência de localização e de referências do lugar pelo sujeito, pode ser observada no poema ‘Soneto da Permanência’, onde o poeta narra sua angústia pela impossibilidade de alcançar o onde se quer ir, o seu lugar do passado, que se torna inacessível, porque no espaço já não se dão o conjunto de relações que o tornava seu lugar. Um problema espaço-temporal.

Soneto da Permanência

Esta saudade bate no meu peito
 como um vento encrespado de remorsos
 tardes mansas, manhãs iluminadas
 meigos seios nascentes, bicicletas

em torno do jardim. Esta saudade
 queima e me embriaga. E bebo mais.
 E bebo tudo e já não resta
 no universo a não ser a embriaguez

desta saudade. E eis que me sinto absinto
 e não me encontro em mim. Estarei morto?
 Não estou morto: estou é lá, aqui

na distância, no centro deste parque
 que gira e gira o mundo. Aí estou
 e fico imóvel neste carrossel.

(ESPINHEIRA FILHO, 2018, p. 74)

A geograficidade de Dardel pode ser identificada e reconhecida nesse poema, já que há a relação de existir tendo o espaço como base e modo para a existência (DARDEL, 2011, pp. 1-2). Espinheira Filho relaciona a falta de seu lugar, de suas relações com o meio, com a não-existência, com o estar morto. Entende que ainda que não esteja morto, se sentia como Ser quando vivia os seus lugares de outrora. Quanto a isso, Dardel ainda acrescenta que:

O afastamento, o exílio, a invasão tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer sob a forma de privação, de sofrimento e de ternura. [...] Conflito entre o geográfico como interioridade, como passado, e do geográfico totalmente externalizado, como presente (DARDEL, 2011, p. 34)

Assim, é perceptível que alguém, tendo vivido em um mundo diferente, já que as coisas estão em constante alteração no decorrer do tempo, se encontra na atualidade em sentimento de solidão. O poeta, perdendo uma base geográfico-afetiva, se coloca como um elo de perpetuamento/registro de algo que já não é amplamente praticado, valorizado ou visto. Como escreve Melo (2014):

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais suporte de um grupo, quando ela se dispersa entre alguns seres individuais, perdidos em novas sociedades, o único meio de salvá-las é fixá-las por escrito em uma narrativa (MELO, 2014, p. 44).

O poema seguinte é recordação do autor com grande riqueza de percepções geográficas. Percepções de espaços divididos por DARDEL como telúricos, aquáticos e aéreos. Todos tratados no poema como memória e vivência de experimentação do espaço geográfico, que, segundo Dardel (2011, p. 21), "é atmosfera: elemento sutil e difuso em que se banham todos os aspectos da Terra" e que pode ser facilmente percebido no poema como uma conjunção do telúrico, aquático e aéreo. É também possível notar que o menino é tido pelo autor como feito daquilo que está a sua volta ou que por ele é experimentado.

Canção de Sonho e Lembrança

Esta tarde lembra um sonho
que é um sonho que me lembra
céus rasgados de janeiro,
velhas canções de dezembro.

Esta tarde lembra o sonho,
o sonho relembra um rio,
o rio sonha um menino
feito de água e de frio.

Feito de nuvens, campinas,
anterior ao adeus,
cintilando de si mesmo,
brincando de espuma e Deus.

Menino, rio, nuvens, tarde
cheirando a terra e jasmim:

sonho que cintila e arde
 no azul de lembrar-se em mim.
 (ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 401)

O caminho a ser construído para aproximar e fortalecer os elos entre a Literatura e a Geografia

As competências gerais 1 e 3 estabelecidas pela BNCC, sendo elas intituladas ‘Conhecimento’ e ‘Repertório Cultural’, colaboram para a legitimação do uso de fontes diversas que representam valores, crenças, contextos sociais, políticos e culturais em que o conhecimento é gerado, valorizando identidades culturais e incentivando os sujeitos a buscarem também as suas identidades próprias (BRASIL, 2018).

Tabela 1: Objetivos das competências gerais 1 e 3

Competência	1. Conhecimento	3. Repertório Cultural
O que fazer?	Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital	Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais
Para quê?	Entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar com a sociedade	Fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural

Fonte: Organizado pelos autores a partir de BNCC (BRASIL, 2018).

Muitas habilidades propostas pela área de conhecimento Ciências Humanas e Sociais Aplicadas permitem o desenvolvimento destas duas competências colocadas em destaques na Tabela 1 entretanto para este recorte do trabalho que nos propusemos nos dedicaremos ao exercício de reflexão com algumas que além de claramente adensar possibilidades de desenvolvimento das competências também possuem alinhamento com o tema da pesquisa.

Na habilidade EM13CHS101, o foco é a sistematização de dados e informações de diversas naturezas, incluindo expressões artísticas e tradições orais, na EM13CHS103, uso de linguagens e diferentes gêneros textuais, onde permitem relacionar processos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais e culturais, num arranjo em que o estudante deve relacionar o material utilizado ao conteúdo da área de conhecimento (BRASIL, 2018).

O uso da Literatura em aulas de Geografia pode ser gerador de novos conhecimentos e, além disso, proporciona diferentes contextos em sala de aula. Através de poemas, abordagens temporais, culturais, sociais e geográficas podem ser expostas e problematizadas aos estudantes situação que possibilitam ambientes de diálogo em sala de aula através de momentos de interpretação e discussão das diferentes opiniões advindas entre a mediação do texto literário e o conteúdo geográfico.

Com a devida contextualização, o poema pode se tornar o pontapé para a abordagem de inúmeros conteúdos geográficos e objetos de conhecimento. O poema *A Avó* (ESPINHEIRA FILHO, 2012), com apenas sete versos e dois estrofes, pode ser trazida como complemento da história do poeta, que era de origem italiana, assim como pode ser ampliado para outras origens como os alemães, asiáticos entre outros, podendo ser fecundo à habilidade EM13CHS201 (BRASIL, 2018, p. 573), em que pede análise e caracterização de dinâmicas populacionais, “com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais [...]”.

A Avó

Na memória
de sua terra distante,
terremotos, poemas, vulcões,
imperadores, santos, anticristos.
No ventre,
o dom de semear novas infâncias
numa terra distante.

(ESPINHEIRA FILHO, 2012, pp. 295-296)

O poema que a princípio parece ser simples, proporciona a contextualização de diferentes territorialidades, culturas e movimentos populacionais que diretamente se relacionam com eventos que envolvem o país (a migração italiana nos sécs. XIX e XX), mas que também servem como analogia para eventos similares pelo mundo. Assim, além de ser problematizador de evento específico, o poema permite que o estudante humanize o agente envolvido no fenômeno, estudando relações e conexões entre processos de migração, fixação da população e ocupação de um determinado território.

A habilidade EM13CHS104 indica a necessidade de se analisar vestígios da cultura material e imaterial, identificando “conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizaram a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço” (BRASIL, 2018, p. 571). Existem inúmeros poemas de Espinheira Filho que poderiam ser usados com essa finalidade, mas em *De Uma Entrevista Jamais Realizada* (ESPINHEIRA FILHO, 2017) o poeta faz riquíssima ambientação do que era viver no Sudoeste baiano a partir de suas memórias da infância.

De Uma Entrevista Jamais Realizada

[...]

E nós, como já disse,
não íamos à praia.

E também nem ao longe víamos
o mar. No fundo Sudoeste da Bahia,
apenas a vegetação rasteira e cinzenta da caatinga
com morros azuis ao longe.

[...]

E assim íamos levando,
com canários-da-terra, tico-ticos, sanhaços, sofrês, curios, periquitos, papagaios,
tiês-sangue, guriatãs, mexeriqueiras, urubus, urubus, urubus, bichos-de-pé, friei-
ras, vermes, calundus, lacraus, licuri, tamarindo, umbu, melancia, maracujá, aba-
caxi, jaca-de-pobre, banana, banana, banana, cavalos, jegues, bodes, cachorros e
cachorros, gatos e gatos. E, além das ruas sem calçamento, muita terra para ser
explorada, carros de boi cantando... À noite, o pio das corujas, o galope das mu-
las-sem-cabeça, o uivo dos lobisomens...

Saudades.

[...]

(ESPINHEIRA FILHO, 2017, pp. 257-260)

A memória do poeta serve como ancoragem para diversas outras realidades. É a representação de uma identidade cultural que dá possibilidade a analogias e diferenciações, sendo um vislumbre geográfico, social e histórico do que se tinha em determinada região pelo olhar do poeta quando criança, o que pode criar nos estudantes a

nos denunciasse.

[...]

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p. 45)

A habilidade EM13CHS103 propõe que com o uso de informações de diversas naturezas, os estudantes elaborem hipóteses, selecionem evidências e criem argumentos relacionados a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos (BRASIL, 2018, p. 571). Como não há definições temporais no poema, ele serve como material de análise, de problematização, onde o professor pode solicitar aos estudantes que, através das informações que estão disponíveis, elaborem hipóteses de qual período se dá o enredo e visualizem como o espaço é fator importante para o imaginário individual ou coletivo.

Com o uso dos poemas, o professor desenvolve dimensões e subdimensões da competência geral de Repertório Cultural. Essa competência define na sua dimensão homônima, que sejam desenvolvidas as subdimensões Fruição e Expressão. A Fruição pressupõe a “fruição das artes e da cultura para vivenciar, compreender e valorizar sua própria identidade e contextos sociais, culturais, históricos e ambientais, desenvolvendo sentimento de pertencimento”, enquanto a Expressão solicita a “expressão de sentimentos, ideias, histórias e experiências por meio das artes. Experimentação, documentação, apresentação, compartilhamento, revisão e análise de obras criativas” (BRASIL, 2018, p. 19).

Dessa maneira, com a explicitação de um contexto social, cultural, histórico e ambiental, o professor cria relacionamentos com esses âmbitos vividos pelos próprios estudantes, desenvolvendo assim senso de suas identidades próprias e aproximação de seus lugares de pertencimento. A partir da visualização de um contexto específico, analogias e diferenciações podem ser feitas de maneira a aproximar o debate àquilo que é próprio das realidades dos estudantes, desenvolvendo neles o interesse por seus lugares, espaços vividos dotados de história e pessoas.

Além disso, a subdimensão ‘Consciência Multicultural’, vinculada à dimensão ‘Identidade e Diversidade Cultural’, da mesma competência geral acima citada. É esperado que até o 3º ano do Ensino Médio os estudantes consigam utilizar “a compreensão de sua própria cultura e da de outras pessoas e grupos para refletir e agir de forma flexível e acolhedora sobre questões relativas a diversos valores e visões de mundo” (BRASIL, 2018, p. 23). O uso da visão e sentimentos do poeta em relação aos

seus espaços vividos é a cultura do outro, quando não a cultura do estudante envolvido, tornando sua poesia importante para o desenvolvimento da compreensão da miríade de relações entre o homem, sua cultura, seu momento histórico e o seu espaço.

Considerações finais

A obra poética de Espinheira Filho, aqui representando a literatura em seu gênero lírico, é um importante artifício para o desenvolvimento de aulas que possibilitam a problematização de conteúdos da área de conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sendo também um elo entre as competências gerais de ‘Conhecimento’ e ‘Repertório Cultural’, já que diversifica as fontes a serem usadas em sala de aula, num trabalho de valorização do conhecimento, ao mesmo tempo que enseja discussões que envolvem a identidade cultural.

Num ensino comprometido com aulas de maiores imbricações, relacionáveis a diversos âmbitos do conhecimento, ainda que valorizando os componentes curriculares e o conhecimento por estes trazido, cabe ao professor o uso de diferentes linguagens dotadas de maiores conexões. A poesia de Espinheira Filho traz arranjos amplos e relaciona de maneira constante os objetos de estudo dos componentes curriculares envolvidos na área de conhecimento Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sendo a Geografia presente em discussões espaciais, que envolvem a percepção do homem em relação ao seu meio, permitindo construir conexões e relações afim de compreender processos e fenômenos.

O uso da poesia é um importante meio de alcançar objetivos traçados pela BNCC (BRASIL, 2018) em relação ao protagonismo juvenil, já que é uma forma de instigar os estudantes na mobilização de diferentes linguagens e, a partir da observação de outras experiências, possibilita a reflexão de seu pertencimento ao meio em que vive em um arranjo mais completo com o mundo tal como ele é. Com esse incentivo, o professor pode desenvolver o engajamento dos estudantes em suas comunidades, num trabalho de valorização das identidades e identificação de problemas.

A literatura, além do auxílio na proposição de aulas mais ancoradas em uma didática mais próxima do que se espera para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, torna objetos de conhecimento e conteúdos relacionáveis, cria ambientes de

discussão menos rígidos, onde as percepções dos estudantes quanto às suas responsabilidades em relação ao espaço e à sociedade podem ser buscadas, num trabalho mais completo entre os componentes da área.

Acreditamos que numa nação que pouco lê, cabe a cooperação dos docentes das variadas áreas de conhecimento no encorajamento à leitura, usando a literatura transversalmente ao ensino dos conteúdos necessários para o desenvolvimento do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: SEB/MEC, 2018.

BRASIL. Lei 13.415 que altera e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da Republica, 2017.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da natureza e a ruína da alma: Geografia e literatura – uma leitura possível. Revista Ateliê Geográfico. Goiânia-GO v. 1, n. 2 dez/2007 p.174-186. Disponível em <https://revistas.ufg.br/atelie> Acesso em 01 de setembro de 2022.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Isabel Simões. Competências em Educação: conceito e significado pedagógico. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 73-78, 2010.

DUARTE, Cláudio R. Literatura, geografia e modernização social. Espaço, alienação e morte na literatura moderna. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Livro de canções & inéditos. Salvador: P55 Edições, 2011.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Estação infinita e outras estações: poesia reunida (1966-2012). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Nova antologia poética (1966-2017). São Paulo: Editora Patuá, 2017.

FREITAS, Luiz Carlos. Ensino Médio: modelo subserviente para um país dependente. Avaliação Educacional. Blog do Freitas. Publicado em 24/09/2016 Disponível em https://avaliacaoeducacional.wordpress.com/?iframe=true&theme_preview=true Acesso em 15 de junho de 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Reforma de ensino médio do (des) governo de turno: decreta-se uma escola para os ricos e outra para os pobres. Avaliação Educacional. Blog do Freitas. Publicado em 23/09/2016 Disponível em https://avaliacaoeducacional.wordpress.com/?iframe=true&theme_preview=true Acesso em 15 de junho de 2022.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. A longa constituição do olhar geográfico. Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

IPL - Instituto Pró-Livro. Retratos da Leitura no Brasil. 5º ed. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 08 de out. de 2021.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2001, p. 71-83.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/YkhJTPw545x8jwpGFsXT3Ct/abstract/?lang=pt> Acesso em 20 de maio de 2022.

MACEDO, Lino de. Competências na educação. Programa “São Paulo faz escola”, p. 1-40, 2008. Disponível em http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/18/arquivos/competencias_na_educacao_cr.pdf Acesso em 02 de outubro de 2021.

MELO, Thaise Monteiro da Silva. A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2014.

MORAES, Maristela Maria de.; CALLAI, Helena Copetti. As possibilidades entre Geografia e Literatura. In: XIV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, Cruz Alta, 2012. Anais do XIV Seminário Internacional de Educação do Mercosul, XI Seminário Interinstitucional, II Cursos de Práticas Socioculturais Interdisciplinares e I Encontro Estadual de Formação de Professores, Cruz Alta: UNICRUZ, 2012, p. 1-14.

SANTOS, Milton. O papel ativo da Geografia: um manifesto. XII Encontro Nacional de Geógrafos – Florianópolis – Julho, 2000. Disponível em: <http://miltosantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/O-papel-ativo-da-geografia-um-manifesto-MiltonSantos-outros-julho2000.pdf> Acesso: 08 de agosto 2022.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2014.